
A REVISTA

DIRECTORES:

MARTINS DE ALMEIDA
CARLOS DRUMMOND

REDACTORES:

EMILIO MOURA
GREGORIANO CANÊDO

Para os espiritos creadores

Falámos aos scepticos; chegou a vez de falarmos aos espiritos creadores. Trazemos outra serenidade. Vimos reafirmar a nossa orientação no sentido da mais franca nacionalização do nosso espirito. Ha no nosso tempo uma volta á realidade. Não nos abismamos mais nas mentirosas ideologias das gerações passadas, que fantasiavam a nossa terra com côres chimericas. Soffremos uma approximação mais intima, um contacto mais vivo do nosso meio. Eis porque cabe a nós uma obra de dura disciplina e de serenidade constructiva. Precisamos não só de actos de intelligencia mas, sobretudo, de actos de fé. Ha uma necessidade inadiavel de affirmação em todos os sentidos. Entrando em choque com a vida real, temos de confiar na nossa força para não cahirmos na inacção e no indifferentismo. Não queremos atirar pedras ao passado. O nosso verdadeiro objectivo é esculpir o futuro. Ahi estão problemas essenciaes da nacionalidade exigindo uma solução immediata. Pretendemos realizar, ao mesmo tempo, uma obra de criação e de critica. Deixamos a cada collaborador a mais ampla liberdade de ponto de vista e de opinião. Apenas desejamos imprimir ao nosso trabalho uma unidade em harmonia com a nossa tendencia nacionalista. Sem preconceitos rigidos. Sem exclusivismos estereis. Procuramos concentrar todos os esforços para construir o Brasil dentro do Brasil ou, si possivel, Minas dentro de Minas.

Acolhemos com sympathia o regionalismo. Apro-

veitamos nesse movimento alguns reflexos do nosso ambiente, a originalidade local do nosso interior.

Si bem que pretendamos caminhar noutra senda: dominar pelo espirito o nosso meio e não nos escravizarmos a elle. Mas é preciso superpormos vontades identicas para crearmos um espirito nacional. O esforço intensificado de cada um nesse mesmo sentido constitue o fecundo trabalho subterraneo das raizes. A nacionalidade se vai formando á custa das dolorosas experiencias individuaes.

Não podemos desprezar a menor contribuição. Presentimos o perigo enorme do cosmopolitismo. E' a ameaça de dissolução do nosso espirito nas reacções da transplantação exotica. Não podemos offerecer nenhuma permeabilidade aos productos e detrictos das civilizações estrangeiras. Temos de recompor a nossa faculdade de assimilação para transformar em substancia propria o que nos vem de fóra. Ahi está outro movimento nacionalista que traz tambem os seus fructos: o primitivismo. Este vem, sobretudo, humanizar a nossa consciencia intellectual, despindo-a de seu character olympico. Ha muito que precisavamos deixar a nossa inacessivel Turris Eburnea e acabar com a aristocracia orgulhosa do pensamento, para tomarmos parte na humanidade, na nossa humanidade. Devemos comprehender que o nosso papel é viver e não contemplar o espectáculo quotidiano.

Na verdade, um dos nossos fins principaes é solidificar o fio das nossas tradições. Somos tradicionalistas no bom sentido.

Oppomo-nos a qualquer desbarato da nossa pequena herança intellectual. Si adoptamos a reforma esthetica, é justamente para multiplicar e valorizar o diminuto capital artistico que nos legaram as gerações passadas.

Dissemos que eramos um orgão politico. Nas relações internas, a nossa orientação está definida no sentido da centralização do poder. Tanto na politica como na letras, ameaçam-nos perigossimos elementos de dissolução. Anda por ahi, em explosões isoladas, um nefasto espirito de revolta sem organização nem idealismo, que tenta enfraquecer o nosso organismo social.

Para combatel-o sentimos a necessidade do governo ser a funcção de uma vontade forte, de um espirito dominador. Si o poder fôr se tornando peripherico em vez de centralizar-se, teremos a dispersão das forças latentes do paiz. No momento actual, o Brasil não comporta a socialização das massas populares. Só uma personalidade inflexivel dirigida por uma bôa comprehensão das nossas necessidades pode resolver os problemas maximos da nacionalidade. Nas relações exteriores do paiz, as nossas condições momentaneas estão exigindo uma posição, não dizemos strategica, mas, pelo menos, tactica das classes dirigentes em relação ao elemento estrangeiro. Não podemos dispensar o seu concurso. Ahí está a immigração que, acolhida em massa englobada, é perigosissima á formação actual dos nossos caracteres. Poderá pertubar ainda mais o estado da nossa mestiçagem psychica. Não podemos impedil-a mas podemos organizal-a. A criação de nucleos de colonização é uma medida para o momento. Traria a vantagem de impedir o caldeamento irregular dos typos mais dispaes e de ir estendendo a urbanização dos nosso interior. Coherentes com o nosso programma nacionalista, somos pela reforma da nossa constituição. Esta apresenta uma pomposa fachada de federalismo norte americano e traz um fundo decalcado do liberalismo inglez. As nossas leis fundamentaes nasceram sob influencia do romantismo politico do segundo imperio. Foram constituidas pelo idealismo vago, o verbalismo sonoro dos ultimos representantes daquelle nosso brilhante e dissolvente parlamentartismo. Ha um desaccordo profundo entre muitos dos principios constitucionaes e a nossa mentalidade social. Precisamos annular essa desproporção. As nossas leis devem ser tiradas da observação directa da vida brasileira, e não copiadas dos modelos estrangeiros.

